

**Jorge, Lília (2019). *O livro das tréguas*.
Dom Quixote. Lisboa. 104 pp.**

GABRIELA SILVA¹



Ao falar sobre poesia, Carlos Felipe Moisés apresenta diversos questionamentos acerca da natureza e da função do gênero poético. Em nosso cotidiano, «que papel representa para nós, hoje, essa milenar atividade que continuamos a chamar de poesia? Que espécie de realidade entrevemos ou julgamos entrever num poema quando dele nos acercamos para ouvir a voz do poeta?» (Moisés, 2019: s.p.). As perguntas de Moisés não são propriamente contemporâneas, pois acompanham o fazer poético desde os tempos mais antigos, estando presentes também nas linhas da *Poética*, de Aristóteles. Tanto a poesia como a ficção exercem a função de representação do mundo real, conjugando a linguagem ao imaginário de homens e mulheres, habitando suas vidas e delineando diferentes modos de perceber a História e os acontecimentos.

¹ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6249-5166>.

Por sua vez, Octávio Paz, em *O arco e a lira*, propõe uma série de significados para a poesia, atribuindo-lhe um sentido humanístico de «libertação interior»; místico, ao falar de sua natureza de «exorcismo, conjuro, magia»; e memorialístico, ao refletir sobre a poesia ser «experiência, sentimento, emoção, intuição» (Paz, 2012: 21). Esses sentidos acompanham o essencial, que, segundo Paz, é que a «poesia é a transformação da palavra, material da linguagem, que deixa o mundo cego da natureza e entra no mundo das significações» (Paz, 2012: 29). A poesia é, portanto, exercício da palavra, desdobramento de sentido e construção de imagens. Nessa amálgama de imagens, sons e ideias, nosso imaginário encontra representações recorrentes ou inaugura novas percepções e formas de compreensão. É o que apresenta ao leitor Lídia Jorge, em *O livro das tréguas*.

O livro veio à estampa, em 2019, pela editora Dom Quixote, de Lisboa. Em nota a respeito da publicação, a autora esclarece que os poemas publicados sob o título pertenciam a um arquivo mais vasto e que recebia a designação de *Outras narrativas*. Segundo Lídia Jorge, «Foram escritos em momentos diferentes e respondendo ao espírito de diversas circunstâncias» (p. 98). Ainda podem corresponder a uma espécie de «autobiografia consentida» (p. 98), pressupondo, assim, que os poemas acompanham o percurso biográfico de sua autora.

Lídia Jorge consagrou-se como uma das grandes escritoras portuguesas do século XX.

Sua obra é composta de contos e romances, além de textos para o público infantil, e galardoada com diversos prêmios. Reconhecida pelo público e pela crítica como prosadora, Lídia Jorge inicia um percurso pelo gênero poético. *O livro das tréguas* é, portanto, seu primeiro livro de poesia publicado.

O livro é composto de cinco partes: «Com a origem»; «Com os preceitos»; «Com os factos»; «Com as fábulas» e «Com o tempo». Em cada uma dessas divisões, é possível delimitar uma espécie de fio condutor entre os poemas, onde se podem perceber as imagens propostas pela autora a partir das releituras de mitos, de histórias ancestrais e fabulares da humanidade, das guerras, dos sentimentos e das relações diversas entre os seres.

Os poemas que constituem «Com a origem» apresentam uma sensível conexão com a natureza, representada pela terra, mar, pedras e animais. Há poemas que dialogam com questões primitivas da existência humana, entre as quais, a relação entre o bem e o mal, e outros que tangenciam ideias místicas, por exemplo, as figuras dos anjos. O poema «Tomei a ideia» é um dos mais interessantes do conjunto, em que a autora personifica o significado de «ideia». O eu lírico toma a ideia nas mãos, concedendo ao abstrato determinada corporificação.

Entre os poemas que compõem «Com os preceitos» estão os versos de «Criatura». Em consonância com os demais poemas, que con-

vergem para sentimentos e sensações, entendidos enquanto preceitos ou ideias já conhecidas, «Criatura» aborda a temática amorosa e o desejo de perfeição. «É feita de espera e não sabes pronunciar/outro verbo que não seja a conjugação/de amar» (p. 37). «Inventário da feminista» é um poema que aponta para a história das mulheres e a luta pela igualdade, segurança e pelo direito de viver plenamente a sua própria identidade.

«Nada de novo», poema que inicia a terceira parte de *O livro das tréguas*, «Com os factos», revela uma leitura sobre o tempo humano e o tempo da natureza, totalmente diverso do nosso. O eu lírico aponta para a sarça que arde na encosta do monte, para o pássaro que nasce e fenece enquanto uma estrela corta o céu e «o brilho do seu relâmpago de correr não chegará à Terra» (p. 51). No poema seguinte, «O que há de novo», Lídia Jorge apresenta uma outra leitura do significado e da aleatoriedade dos acontecimentos. É um poema em que o cotidiano se configura na qualidade de cenário do que se passa fora da nossa esfera de entendimento, de sentido e compreensão, pois buscamos representar tudo através da linguagem. O mundo atingido por catástrofes ou por modificações significativas, incêndios e desastres, acaba por ser traduzido pelas palavras, que não podem captar o real significado das sensações. Dormimos sossegados, em baixo de nossos cobertores, enquanto o mundo arde, «enquanto os incêndios se mul-

tiplicam pelo Globo inteiro / e já chegaram onde ainda não chegaram» (p. 53).

«Com as fábulas» é composta por poemas que apresentam leituras a respeito da nossa própria capacidade de criarmos fábulas particulares, singulares, relacionadas à identidade que desejamos construir ou manter. Palavras, imagens, metáforas retiradas de histórias maiores, de mitos, de geografias antigas e que habitam nosso imaginário, alternando-se com nossas percepções da vida cotidiana. O poema «Autografia» é a representação de um percurso de vida, onde se apresentam as imagens familiares, de um passado antigo, mas não intangível, de fábulas que preenchem a mente do eu lírico, compondo sua história individual. A morte é afastada pela memória, num controle do tempo de viver e daqueles que habitam a lembrança, exercido pela escrita, por essa *autografia*.

A parte final, nomeada «Com o tempo», integra poemas que expressam diferentes modos de se perceber o tempo, seja pela ideia do corpo que acompanha determinada biografia e segue diferentes modificações ao longo da vida, seja pelos sentimentos e modos de ver o outro, de compartilhar sua própria narrativa. Do ventre materno até as muralhas de Jerusalém, os poemas de Lídia Jorge passeiam por um tempo que é o da sua própria vida, mas também é o tempo do mundo e das coisas.

Octavio Paz comenta que a história da poesia moderna é «a história do contínuo dilaceramento do poeta, dividido entre a concepção moderna do mundo e a presença às vezes intolerável da inspiração» (Paz, 2012: 172). A ideia de Paz, sobre a poesia moderna, permite que a leitura dos poemas de Lídia Jorge seja iniciada pela sua qualidade mais nítida: são histórias. Substância essencial e intrínseca da poesia, a linguagem se propõe a ser o ponto de origem de uma grande diversidade de imagens, algumas recorrentes em diversos imaginários, outras inaugurando novos sentidos e ideias. Percebemos o dilaceramento que enuncia Paz: o poeta desvencilha-se, multiplica-se por tudo que acontece ao seu redor, ao mesmo tempo em que evoca, busca, rememora os significados mais antigos das histórias que conhece

sobre si mesmo e sobre o mundo. São essas as histórias que compõem os poemas de Lídia Jorge, que fez provocações às palavras para que mudassem da narrativa à poesia, num passeio por diferentes modos de expressão, sonoridades e maneiras de compor os versos. As palavras, curiosas, aceitaram a provocação. Lídia Jorge nos apresenta uma outra leitura do mundo, a partir da mesma necessidade expressa nas suas narrativas: recolher, organizar e representar.

Bibliografia

Jorge, L. (2019). *O livro das tréguas*. Dom Quixote. Lisboa;

Moisés, C.F. (2019). *Poesia para quê. A função social da poesia e do poeta* [versão electrónica]. Editora da Unesp Digital. São Paulo;

Paz, O. (2012). *O arco e a lira*. (Trad. de Ari Roitman e Paulina Wacht). Cosac Naify. São Paulo.